

*A experiência cultural  
da dança circular  
sagrada e seus efeitos  
no cotidiano dos  
diferentes contextos  
das relações humanas*

**Jane Botelho Fernandez**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

*E-mail:* jane.bfz63@gmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar brevemente a história da dança circular sagrada, partindo do seguinte questionamento: “A experiência cultural da dança circular sagrada pode ser vivenciada e repercutir seus efeitos no cotidiano, nos diferentes contextos das relações humanas?”. A importância dessa discussão está em colaborar para sua expansão e práxis como ciência, a qual abrange os âmbitos da história, cultura e arte, considerando-a como recurso capaz de auxiliar nos processos educacional e terapêutico.

## PALAVRAS-CHAVE

Interdisciplinaridade. Cultura. Dança circular sagrada.

Sem retirar nada que seja aquilo que se diz cotidianamente, os relatos de milagres respondem a isso de lado, de viés, por um discurso no qual só se pode crer da mesma forma que uma reação ética deve acreditar que a vida não se reduz àquilo que se vê (Certeau, 1996, p. 77).

Considerando que o século XXI pede novas formas de buscar e viver a qualidade humana e que, em todo tempo, somos inundados pelo universo virtual de uma visão global, se tivermos sabedoria, poderemos ser capacitados cada vez mais a uma ação local realizadora. É um desafio viver no dia a dia com significado e conteúdo. Portanto, apresentar a dança circular sagrada como uma possibilidade de se viver com qualidade esse cotidiano e se deixar envolver pelos milagres vistos e não visíveis, como lemos na citação de Certeau, faz-se necessário. Por meio dos focalizadores (pessoa com a formação necessária e capacitada para conduzir à experiência da dança circular sagrada), é possível atingir objetivos, aprender e se divertir, considerando a integralidade do ser. Essa arte já é uma realidade em muitos países, inclusive no Brasil, porém pouco praticada aqui por falta de conhecimento da sociedade em geral. Existem muitos trabalhos acadêmicos, livros e engajamento crescente das prefeituras municipais

para tornar conhecidos seus conceitos e práxis. Propostas que estão bem explicadas na minha dissertação de mestrado cujo título é *A dança circular sagrada: uma história de amor* e que é pano de fundo para este artigo (Fernandez, 2018).

Para a fundamentação teórica, foram utilizados os autores Bernhard Wosien, Michael de Certeau, Walter Benjamin, Ostetto, Mauus, entre outros. Como metodologia, utilizaram-se documentos, entrevistas e a vivência nos campos universitários. Como resultado, foi possível concluir que a dança circular sagrada pode ser instrumento cultural significativo no exercício da capacidade de superação, resiliência e ressignificação, considerando sua práxis nos mais diversos territórios, nas faixas etárias e no contexto social, nos quais essa prática convida a um encontro uns com outros, consigo mesmo e com o sagrado.

A seguir, apresenta-se um breve resumo da trajetória do idealizador dessa arte de dançar e da chegada da dança circular sagrada ao Brasil. Desde a sua fundação, ela se apresenta como experiência capaz de ser utilizada também nos processos educacional e terapêutico, como um novo jeito de se dialogar com o presente, passado e futuro de uma sociedade. Com base nas melodias e coreografias, o dançar é a história sendo escrita, lida, compartilhada por meio dos pés e da roda, em que a maioria das danças se dá de mãos dadas; cada um e todos têm um lugar, nem para frente nem para trás, mas lado a lado num movimento de buscas e encontros já bem elaborado pelo focalizador.

Assim foi desde o início, quando Bernard Wosien propôs a dança circular sagrada, após sobreviver a conflitos pessoais e profissionais vivenciados entre as duas guerras mundiais, que poderiam ser impedimentos, mas se tornaram impulsionadores na sua missão de deixar um legado como pedagogo, além de renomado dançarino e coreógrafo com raízes cristãs. Wosien (2015, p. 18) ofereceu essa arte de dançar como um jeito de viver, em que é possível experienciar passos capazes de percorrer os mais diferentes tempos, culturas e lugares da humanidade: “Para mim, a dança é uma mensagem poética do mundo divino”.

No Brasil, a dança circular sagrada chega nos anos 1980, simultaneamente em diferentes regiões, porém todas provindas da mesma fonte: a comunidade de Findhorn (Escócia) onde Bernhard Wosien, em 1976, firma a *sacred dance* (dança sagrada).

Aqui o movimento é bem acolhido e, a partir da perspectiva desse autor, torna-se cada vez mais criativo, à medida que se espalha por todo território nacional e passa a mesclar características da cultura popular das diferentes regiões. Um bom exemplo é São Paulo, uma cidade com múltiplas diversidades e adversidades, onde atualmente – com apoio da prefeitura e por meio da Secretaria do Meio Ambiente – é possível oferecer a dança circular sagrada na maioria dos parques públicos da capital e região metropolitana.

Ganhamos esse espaço não só nos parques, como também na literatura, que já conta com diversas produções, sendo a mais recente o livro *O ser dançante e o*

*espaço que dança: danças circulares no espaço público – estado de São Paulo* e organizado por Marcos Paulo Alves, cujo lançamento ocorreu em novembro de 2021 e contou com 57 autores-focalizadores, os quais relatam suas experiências e trazem depoimentos fornecidos pelos participantes das rodas em parques, praças e praias. O livro também oferece demonstrativo de uma pesquisa qualitativa; por exemplo, a questão respondida pela roda da qual sou umas das organizadoras já há oito anos, no Bosque Maia (Guarulhos), foi: “Qual a segunda principal razão para você ir dançar num espaço público?”. A resposta está registrada nas páginas 201 a 224. A seguir transcrevo, com algumas adaptações, parte desse capítulo cuja narrativa diz respeito aos “territórios” que acolhem, de “coração aberto”, seres humanos em busca da leveza das árvores, dos pássaros, da firmeza da terra, do perfume das flores... Sim, um território que oferece a si mesmo para um encontro único e singular entre dançarinos e a natureza.

De mãos dadas com o território Natureza:

A natureza canta e o corpo Dança.<sup>1</sup>

Estar no parque preenche-nos da necessidade humana de experimentar todos os seus sentidos, colocar a atenção no verde das plantas e árvores, no azul do céu, no brilho do sol, observar a terra seus nutrientes, sentir a maciez da grama, o cheiro das flores observar seus formatos e coloridos. E assim, em cada Roda realizada no Bosque Maia (Guarulhos), há uma interação com o meio ambiente. Em sua práxis, estão implícitos conceitos que abrangem territorialidade e experiências do cotidiano, memória do patrimônio, subjetividades, inter-relações, práticas simbólicas e representações. O conceito de território nesse trabalho é compreendido não só como espaços físicos, mas sim como identidades em movimentos territoriais. Movimentos que se constroem e se desconstroem em representações sociais, em ações flexíveis. Refletir sobre territorialidade no intuito de compreender o aprendizado e a prática enquanto possibilidade, transformação que resulta em novas territorializações (Schwartz, 2017).<sup>2</sup>

É interessante notar que um dos motivos que levam as pessoas a dançar nos espaços abertos é exatamente a vontade inata de conviver com outras pessoas e com a natureza e com algo de mais sagrado numa busca por completude de si que se recebe do Outro.

[...] Todas as trajetórias de energia dos corpos terminam nos pés e, por isso, os povos da natureza andavam e dançavam descalços, para sentir

1 Referência ao programa desenvolvido com crianças na comunidade pela Associação Beneficente dos Professores Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.appai.org.br/a-natureza-canta-e-corpo-danca/>. Acesso em: 14 abr. 2019.

2 Conceito referenciado na teoria das representações sociais, tangenciando correntes clássicas do pensamento social, como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx.

os ritmos e as correntes da terra e também pelo conhecimento de que “quem não toca a terra, não pode alcançar o céu” (Wosien, 2002, p. 53). Aproxima-nos então, dia a dia, dessa conexão onde seja possível apropriarmos-nos dessa experiência sugerida por Wosien e seguirmos tocando a terra em todos os sentidos para que esta nos desperte a consciência de preservação, enquanto Ser dançante, aqui na terra e no céu!

Fica evidente que, apesar de todo o avanço tecnológico e mesmo aprimorada e adaptada à nossa brasilidade, tem sido possível manter a essência da dança sagrada proposta por Wosien, que, segundo a cultura cristã, existe há milênios e é praticada por todos que creem num Deus que também dança (Baxter, 2002, p. 55), um Deus que nos convida a dançar: “venha para a festa da graça, realizada pelo Deus que Dança. Essa festa também é sua”.

Além das conquistas aqui registradas, vale destacar que a dança circular sagrada vai ganhando a cada dia mais adeptos, tanto os que desejam apenas dançar quanto outros que a veem como um instrumento profissional, uma ferramenta capaz de ser útil nas salas de aula e nos espaços múltiplos das instituições formais e não formais, onde professores e educadores, ao se beneficiarem com a dança, propõem seu uso como auxílio no desenvolvimento psicomotor, na memorização e na interação social: vivências fundamentais para o melhor aproveitamento do processo ensino-aprendizado. Tal experiência é possível nas diferentes faixas etárias e classes sociais, pois a dança é um movimento interno e externo, pessoal e coletivo, benéfico a todos que a praticam.

Há um fio existente na dança circular sagrada que entrelaça ciência, fé e arte. Por meio dos conteúdos e no processo de ensino-aprendizado contidos nos componentes curriculares em interdisciplinaridade, faz-se possível aprofundar e ampliar conhecimentos, contribuindo para o ensino da história, sociologia, pedagogia, psicologia e comunicação: “As universidades têm promovido mudanças metodológicas nas disciplinas, permitindo o descobrir de alguns saberes e práticas, as descobertas temáticas, testemunhos, documentos e fontes” (Matos; Soller, 1998, p. 80).

Cada vez mais pesquisas, artigos, teses e dissertações sobre a dança circular sagrada trazem a evidência dessas mudanças metodológicas, e os testemunhos, as fontes e os documentos comprovam seus benefícios. Afinal, a dança sempre esteve presente na história da humanidade: onde subjetividades afloram em dança, faz-se possível um novo horizonte nas fronteiras dos saberes históricos, sociológicos, pedagógicos, psicológicos e na comunicabilidade da sociedade atual, moderna tecnológica. Durante o isolamento por ocasião da epidemia e até hoje, a dança circular sagrada mantém, nos espaços públicos de São Paulo, aulas regulares, encontros e *workshop* por meio das plataformas e de recursos virtuais.

A dança circular sagrada pode ser aplicada como instrumento de fixação de memória por meio dos movimentos, das letras das músicas, das histórias e narrativas contadas e cantadas. Aí estão símbolos de fixação pelas permanências culturais: símbolos que se transformam nos movimentos da dança, dando acesso, inclusive, a outras culturas – o jeito de ser, viver, representações, emoções, sensibilidades e ideologias –; por assim dizer, as visibilidades e invisibilidades de um povo. Por isso, essa dança pode ser interpretada como recurso terapêutico, educacional ou simplesmente a serviço do prazer de ser feliz enquanto dança numa roda de mãos dadas. Um método eficaz para a saúde do corpo, da alma e do espírito, que deixam de ser nutridos à medida que a sociedade dedica mais do próprio tempo à satisfação de desejos promovida pelo aparato tecnológico e se distancia do fundamental, ou seja, devemos nos nutrir para que alcancemos qualidade nos relacionamentos com o outro e conosco. Como bem nos aponta Durant (1989, p. 57):

Apesar dos avanços conseguidos no domínio da informação e das suas tecnologias das comunicações, a opacidade em relação ao outro se agrava. Isso se constata em vários níveis da esfera doméstica a cena pública e internacional. Um mal-estar cada vez mais pernicioso parece se estender ao conjunto das situações de alteridade.

Há uma linha tênue entre a vivência com a dança circular sagrada e o aceleramento cada vez mais presente em nosso cotidiano, mas é gratificante, para um focalizador, poder oferecer essa arte de dançar que vai repercutir no cotidiano daqueles que a praticam, seja por algumas horas ou dias, ao participarem dos congressos da dança ou dos cursos e pós-graduação sobre a dança circular sagrada, e assim alcançar o maior número de pessoas, colaborar para uma melhor qualidade de vida da comunidade acadêmica e da comunidade em geral.

Mesmo sendo algo tão simples e real há milênios, como já descrevemos, a dança tem sido pouco praticada, portanto está posto o convite para essa nova e múltipla forma de educar e ser educado, em que o ritmo e o compasso são únicos, mas a realização se dá no coletivo. É uma experiência que está na contramão, como mecanismo para diminuir a liquidez do mundo contemporâneo:<sup>3</sup> dançando o sujeito terá a oportunidade de criar um olhar não previsto, “estudar” a si mesmo e então se posicionar, inclusive historicamente.

3 Segundo Bauman (2002), em *Modernidade líquida*, líquido é o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações que se impõe e que dá base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incertezas e de insegurança. Período em que toda a solidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor de modernidade sólida, são retirados de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

Dançar histórias de vários povos e culturas possibilita um descobrir atemporal e universal, que torna possível ao sujeito contemporâneo (re)significar e acreditar em mudanças conceituais e estruturais, vislumbrando permanências e alteridade. Estabelecer o diálogo, recobrando a tessitura, as percepções, as realidades e a qualidade de vida no cotidiano, por meio da arte de dançar, mesmo diante de relações líquidas que todos nós vivenciamos.

Vale considerar que este artigo está sendo elaborado no outono do ano de 2022, após muitos meses de horror e perplexidade diante da pandemia de Covid-19 (ainda não controlada e que terá consequências nas gerações futuras). Ouvimos muitas opiniões sobre essa experiência que afetou toda a Terra – sim, é isto que significa pandemia: algo que “afeta todos” –, mas vale lembrar também que há um Deus que está sobre todos e é o criador de todas as coisas. As notícias que recebemos em tempo recorde por meio da tecnologia também tiveram fortes efeitos: tivemos acesso a imagens que marcaram para sempre e ficarão na memória pessoal e coletiva, como também estamos acompanhando “bem de perto” e ao mesmo tempo tão distante a guerra entre a Rússia e Ucrânia; afinal, podemos acompanhar as imagens dos ucranianos fugindo da guerra, dos bombardeios russos, e não temos como calar diante dos horrores e das impotências a que vão sendo tomados.

Esses não são os temas deste artigo, mas, ao considerarmos a experiência mimética de tragédias como essas, podemos dizer que é sobre tudo isso que a dança circular sagrada nos propõe a refletir, ressignificar e sair com novas perspectivas pessoais e coletivas. Num movimento de ampliação, fé, força e coragem por meio das danças e após cada encontro, tornamo-nos capazes de oferecer leveza e amor para aqueles que não estavam na roda da dança, mas fazem parte da roda da vida. Sim, que sejamos luz e sal, pois a dança circular sagrada tem essa intenção também de iluminar o corpo que se move, a alma que se amplia e o espírito que é revigorado: experiência de alteridade, mas que atinge uma plenitude ao ser compartilhada com os que fazem parte do cotidiano.

A dança circular sagrada provoca um descentramento do sujeito, o redireciona para um centro em comum e o coloca em círculo, considerado como símbolo de totalidade; não diz respeito a uma experiência em que se perde a consciência ou a realidade com quem se está dançando. É possível, nesse encontro, animar e ser animado com técnica, pois tem em sua transmissão todos os quesitos de um processo de ensino e aprendizado, envolvendo aspectos cognitivos, atenção, concentração e motricidade sem perder a alegria e a espontaneidade.

Sendo uma ciência bem estabelecida e com técnicas próprias já validadas para alcançar os objetivos propostos, a dança circular sagrada mantém seu papel de trabalhar a integralidade do ser, para além das questões puramente científicas; afinal, ela “desaloja a razão, perturba a ordem do discurso, pois solicita outras dimensões do ser, corpo inteiro, espírito e alma” (Ostetto, 2015, p. 151).

Em termos de saúde, seus benefícios são comprovados a ponto de fazer parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (Brasil, 2017), oferecidas nos hospitais, nos ambulatórios e nas clínicas particulares e governamentais, sendo coadjuvante nos tratamentos de reabilitação física e emocional.

Por se tratar de uma experiência que solicita o ser em sua totalidade, cabe lembrar que é preciso estar presente para seguir na roda enquanto dança. É considerada também uma possibilidade de se viver a inclusão, o que significa um envolvimento social na prática, pois na roda todos, independentemente de credo, etnia ou posição social, estão de mãos dadas para dançar por um mundo melhor. Nessa dança é proposto um encontro de amor, fé e esperança, o que certamente foi e continua sendo uma necessidade das sociedades em geral, no enfretamento do caos pessoal e coletivo sempre presente na humanidade ou pelo simples prazer de dançar uma arte acessível a todos que a desejarem.

Com a expansão dessa arte de dançar, que como vemos também agrega outras perspectivas de se viver, a dança circular sagrada está presente nos parques, nas escolas, nas universidades, nos centros históricos, em hotéis, nos *resorts*, nos eventos familiares, nos espaços corporativos, nas comunidades, nos hospitais, nas clínicas psiquiátricas, nas unidades básicas de saúde (UBS) e nos centros de atenção psicossocial (CAPS) (Brasil, 2017).

Cabe lembrar que cada roda é única e, apesar de estar sempre acompanhada de uma intenção ligada ao público ou a alguma temática mais específica que os focalizadores acolhem e ouvem dos participantes, é sempre singular, pois em cada roda encontramos muito mais que um simples processo de produção. Há uma dimensão simbólica e um sistema de significados que possibilitam a ampliação dos sentidos e a abertura para o diálogo em que podem ser consideradas subjetividades e transcendência, o que pode significar uma revisão de valores e a capacidade de dar valor ao que realmente mais importa na vida, que é manter qualidade de vida pessoal e relacional.

À medida que o conhecimento sobre a dança circular sagrada avança, fica cada vez mais evidente que estamos diante de uma experiência universal, atemporal e que tem raízes num ato tradicional e eficaz: “É preciso que seja tradicional e eficaz, pois é nisto que o homem se distingue, sobretudo, dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (Mauss, 1974, p. 217).

Nessa frase de Marcel Mauss (1974), temos dois aspectos fundamentais quando pensamos e atuamos nas áreas da saúde e educação: a tradição e a narrativa, elementos que estão presentes em toda proposta da dança circular sagrada. Um dos objetivos deste artigo é resgatar e informar esses elementos, conectados desde a sua origem quando idealizada por Bernnhard Wosien, vivenciada na comunidade de Findhorn, na Escócia, em 1976, e dançada até os dias atuais.



Sobre a tradição<sup>4</sup>, ressalto que a dissertação que deu origem a este artigo é o resultado de mais de dez anos de prática da pesquisadora (que está em constante aperfeiçoamento) e diz respeito à tradição cristã, portanto as melodias e coreografias trazem em sua intenção a busca e o encontro com o sagrado, as Escrituras bíblicas e o orar em movimento. Trata-se também de um resgate histórico sobre a cultura judaico-cristã, o nascimento, a vida e morte de Jesus, seus ensinamentos e a promessa da vinda do Espírito Santo. A ideia é que essas informações sejam assimiladas e celebradas enquanto se dança.

Outro elemento diz respeito à transmissão oral, a narrativa, que no próprio nome traz um importante significado para este artigo: ao considerarmos a semântica da palavra, podemos ler como transmitir uma missão. E assim tem sido ao longo desses anos, e, como todo processo de aprendizado, a narrativa é fundamental, como vemos na obra de Walter Benjamin (1892-1940). A dança circular sagrada se dá por intermédio do focalizador, pessoa responsável pela transmissão oral, que ensina os movimentos para que a dança aconteça. Mas esse acontecer não será só um ato corporal; a narrativa poderá direcionar para que seja uma experiência integradora, sublime, exuberante!

A dança circular sagrada também se tornou uma ciência no mundo contemporâneo, e, como toda ciência deve ser, essa dança não tem donos, exclusividades de pessoas e raças. Ela pertence à humanidade, em que existem diferentes culturas e crenças. Assim, alguns aspectos e propostas podem ser diferentes da original e do legado de Wosien, principalmente no Brasil, um país laico, originado com pelo menos duas grandes influências religiosas: a afro e o catolicismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história de leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, assim é quando dançamos, os movimentos se dão ao serem tocados de forma consciente, como uma leitura deve ser consciente, para que seja aflorado o que já se sabe (Chartier, 2010, p. 61).

Este artigo, ao ser lido, refletido e até questionado, pretende contribuir para o conhecimento sobre a experiência cultural da dança circular sagrada e seus efeitos no cotidiano dos diferentes contextos das relações humanas, à medida

---

4 “Tradição: substantivo feminino. 1) Ato ou efeito de transmitir ou entregar, transferência. 2) Comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração” (Oxford Languages and Google).

que essa arte de dançar possa ir se tornando uma realidade para um número maior de pessoas, sem perder a base, que consiste em uma vivência sensível e singular como o ato de ler e escrever.

Na sua finalidade essencial, a dança circular sagrada não tem nada de espetacular, mas é uma proposta capaz de remeter a pessoa a si mesma, ao coletivo e, se desejar, ao sagrado. Essa dança é simples, e, na maioria das vezes, todos aprendem os passos na hora em que se faz a roda, por meio da narrativa oral e com apoio de alguns que, às vezes, já conhecem a coreografia. Em geral, ao final da música, a maioria já encontrou seu ritmo e segue dançando, respeitando seu compasso em movimentos sutis e naturalmente harmônicos. É o encontro de um corpo vivo que pulsa, que vibra nos batimentos cardíacos e na corrente sanguínea, movimentos que pedem para ser liberados e vão se afinando com sons internos e externos de cada dançarino na busca de equilíbrio, apoiado nos que estão na roda e os apoiando. Assim, ao estabelecermos a cultura da paz dentro de nós e com o próximo, vamos seguindo num constante aperfeiçoar nos mais diferentes ritmos que a dança de roda e a vida real solicitam, bem como a natureza, as praças, os bosques e as praias convidam, e a cada dia somos alertados para um cuidado e compromisso com a natureza que nos cerca, com o próximo, conosco e com o sagrado Criador da vida e da eternidade.



**Figura 1 – Vivência aplicada no Parque da Luz, em São Paulo**

Fonte: Foto de Vaneri de Oliveira – focalizadora da dança circular sagrada.



**Figura 2 – Vivência aplicada no Bosque Maia, em Guarulhos, em São Paulo, em maio de 2018**

Fonte: Foto de Maria Vilma Carneiro – focalizadora da dança circular sagrada.

## ***The cultural experience of sacred circular dance and its effects in the daily life of different contexts of human relationships***

### **ABSTRACT**

*This article aims to briefly report the history of the sacred circular dance, starting from the following question: “Does the cultural experience of the sacred circular dance can be experienced and have its effects on everyday life, in the different contexts of human relationships?”. The importance of this discussion lies in collaborating for its expansion and praxis as a science, which encompasses the history, culture and art areas considering it as a resource capable of assisting in educational and therapeutic processes.*

### **KEYWORDS**

*Interdisciplinarity. Culture. Sacred circle dance.*

### **REFERÊNCIAS**

- ALVES, M. P. (org.). *O ser dançante e o espaço que dança: danças circulares no espaço público – estado de São Paulo*. São Paulo: Triom, 2021. v. 3.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAXTER, K. *A parábola do Deus que dança*. Rio de Janeiro: Textus, 2002.

BRASIL. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849\\_28\\_03\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html). Acesso em: 27 mar. 2023.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. *Humanidades*, v. 24, n. 69, p. 6-30, ago. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 27 mar. 2023.

DURANT, W. *Heróis da história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

FERNANDEZ, J. B. *A dança circular sagrada: uma história de amor*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3673>. Acesso em: 27 mar. 2023.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, Edusp, 1974. v. 1.

OSTETTO, L. E. *Danças circulares na formação de professores: a inteireza do ser na roda*. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2015.

WOSIEN, B. *Dança: um caminho para a totalidade*. São Paulo: Triom, 2015.